



Encontro Internacional sobre Gestão
Empresarial e Meio Ambiente

ISSN: 2359-1048
Dezembro 2016

DIVERGÊNCIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO DISCURSO DA SUSTENTABILIDADE: um estudo com alunos de pós-graduação em Administração

JAYSA ELIUDE AGUIAR DOS SANTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
jaysaeliude@yahoo.com.br

NÍVEA MARCELA M. NASCIMENTO MACEDO
niveamarcelam@gmail.com

DIVERGÊNCIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO DISCURSO DA SUSTENTABILIDADE: um estudo com alunos de pós-graduação em Administração

RESUMO

Em se tratando de sustentabilidade, percebe-se a existência de distância entre o discurso e a prática efetiva, sendo muitas razões que justificam tal fato, às quais podem ser dentre outras, a banalização do conceito, a busca por imagem social organizacional, a falta de conhecimento. Assim, neste trabalho faz-se uma discussão acerca da sustentabilidade e da relação entre teoria e prática nesse construto. Diante disso, objetivou-se de identificar os motivos que ocasionam a distância entre a teoria e a prática no discurso da sustentabilidade a partir da visão de alunos de pós-graduação em Administração. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de caráter quantitativo com 37 alunos de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba, com referência aos aspectos sociais, econômicos e ambientais descritos pelo *Triple Bottom Line*. Os dados foram analisados com a utilização de estatística descritiva básica. Os resultados indicam que a variável Sociedade Consciente ou Sociedade Atual é a que apresenta maior média (3,89), em detrimento da Auto Crítica e Reflexões pessoais com menor média (3,15), o que pode ser explicado pela necessidade da sociedade de respostas rápidas e em curto prazo, o que acarreta em pouco esforço para práticas sustentáveis já que estas tendem a ter um retorno mais tardio.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável. Discurso da Sustentabilidade. Teoria e Prática.

DIVERGENCE BETWEEN THEORY AND PRACTICE IN THE SPEECH OF SUSTAINABILITY: a study of Administration graduate students

ABSTRACT

When it comes to sustainability, we see the existence of distance between discourse and actual practice, there are many reasons for this fact, which can be among others, the trivialization of the concept, the search for organizational social image, lack of knowledge. Thus, this work is a discussion about the sustainability and the relationship between theory and practice in your construct. The research objective is to identify the reasons that cause the gap between theory and practice in sustainability discourse from the perspective of graduate students of managing. Therefore, we carried out a quantitative research study with 37 students of the Federal University of Paraíba graduate, with reference to social, economic and environmental aspects described by the Triple Bottom Line. The data were processed from the use of basic descriptive statistics. The results indicate that the variable Society Consciously or Active Society the one with the highest average (3.89), at the expense of Auto Critical and Personal Reflections with lower average (3.15), which can be explained by the needs of society to quick responses and short-term, resulting in little effort to sustainable practices as these tend to have a more late return.

KEYWORDS: Sustainable development. Speech Sustainability. Theory and practice.

1 INTRODUÇÃO

Os conceitos de desenvolvimento sustentável tem experimentado extraordinário sucesso desde o seu advento na década de 1980. Eles são agora uma parte integrante da agenda dos governos e organizações e seus objetivos tornaram-se centrais para o missão dos laboratórios de pesquisa e universidades em todo o mundo (BETTENCOURT; KAUR, 2011). Muitas conferências, reuniões ao redor do mundo e relatórios como o de Brundtland permitiram a inserção das discussões sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável em âmbito mundial nos campos político e científico.

Sob uma perspectiva crítica, Acsegrad *et al.* (2002) afirmam que o desenvolvimento sustentável incorpora a hegemonia do mercado, na medida em que no Relatório de Brundtland está descrito que há uma necessidade de crescimento econômico, mas que seja alinhado ao crescimento social e ambiental.

Nesse cerne, as discussões sobre o desenvolvimento sustentável assumem diversas perspectivas, neste trabalho centra-se no desenvolvimento baseado na dimensão econômica, social e ambiental, que se referem ao chamado *Triple Bottom Line* ou tripé da sustentabilidade por ser uma perspectiva muito utilizada na literatura e por trazer discussões pertinentes que contemplam o discurso da sustentabilidade. Em que a dimensão ambiental está relacionada à utilização dos recursos naturais e o impacto de ações humanas (e empresariais) no ambiente; a dimensão econômica à melhor alocação dos recursos, ao aumento da renda monetária e do padrão de vida dos indivíduos, e; dimensão social ao estímulo à educação, cultura, lazer e justiça social (VELLANI; RIBEIRO, 2006).

De acordo com Pulzl, et al (2012) as dimensões da sustentabilidade condizem em teoria, com um quadro de indicadores ambientais, econômicos e sociais que determinam em que medida a dinâmica do sistema e comportamentos subjacentes da sustentabilidade (e, com efeito, as avaliações de impacto na sustentabilidade) podem ser apreendidos e compreendidos.

Para Acsegrad (2011), concordando com as ideias de Jacobi (2003), a ideia de sustentabilidade está relacionada à prática, em que os efeitos práticos daquilo que é do campo do conhecimento científico valida todas as discussões sobre a sustentabilidade. No sentido em que o conhecimento é construído para explicar o real. Portanto, não se tem sustentabilidade sem a prática da sustentabilidade.

A análise detalhada da literatura acadêmica da ciência sobre sustentabilidade mostra que o tema obteve nos últimos anos um crescimento rápido, variado em termos de temas relacionados, mas que só recentemente teve um enfoque mais prático e científico (BETTENCOURT; KAUR, 2011). Mas existe uma distância entre o discurso, em todas as suas esferas e especificidades, e a prática da sustentabilidade. Esta distância pode ser evidenciada por muitos motivos, que podem ser, dentre outros, a banalização do conceito, a busca por imagem social organizacional, a falta de conhecimento, a distância da academia, a falta de auto crítica.

Assim, o objetivo deste estudo é identificar os motivos que ocasionam a distância entre a teoria e a prática no discurso da sustentabilidade com alunos de pós-graduação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de caráter quantitativo com alunos de uma pós-graduação em nível de mestrado e doutorado da Universidade Federal da Paraíba, com referência aos aspectos sociais, econômicos e ambientais descritos pelo *Triple Bottom Line*. Isto porque, ficou claro que o discurso da sustentabilidade, visivelmente, contempla as esferas ambientais, políticas e econômicas, entre outras.

Dito isto, além dessa parte introdutória, este estudo contempla uma fundamentação teórica acerca de um debate inicial sobre o desenvolvimento Sustentável e sobre a distância entre teoria e prática no discurso da Sustentabilidade. Depois apresenta-se os aspectos metodológicos que propiciaram a pesquisa, os resultados e considerações finais do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Desenvolvimento Sustentável: Um Debate Inicial

O discurso da sustentabilidade não é recente. A partir da década de 1960, as discussões revelavam o impacto da economia do mercado na degradação do meio ambiente e utilização de recursos de diversas naturezas. Essas discussões tomavam força quando se reconhecia que os recursos naturais esgotáveis lidavam com a falta de comprometimento daqueles que exploravam o ambiente como meio de produção, com vistas especialmente ao lucro e maior geração de riqueza.

Em 1972 aconteceu em Estocolmo a primeira conferência internacional para os debates sobre os limites dos recursos naturais do planeta conhecida como Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Essa conferência assume importância, pois foi nela que a ideia de desenvolvimento foi colocada alinhada à perspectiva ambiental, inserindo essas discussões em âmbito mundial nos campos políticos e científicos. Segundo Sachs (1998), foi nessa conferência que Maurice Strong lançou a ideia de “Ecodesenvolvimento”, que remetia à política de desenvolvimento, incluindo a questão da educação, da preservação dos recursos naturais, da participação da sociedade e da satisfação das necessidades básicas.

Em 1983, foi criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente, que em 1987 publicou o relatório “Nosso Futuro Comum”, também conhecido como “Relatório de Brundtland” que trazia discussões acentuadas sobre a interligação entre questões ambientais e desenvolvimento. Estabeleceu uma definição para o desenvolvimento sustentável, vastamente referenciada, em que ele é definido como aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de que gerações futuras atenderem suas próprias necessidades (CMMAD, 1998).

Esse relatório é um dos mais importantes, pois demonstrou a possibilidade de equilíbrio entre a preservação do meio ambiente e manutenção do desenvolvimento econômico, assim como um alerta para cobrança da comunidade internacional por políticas contra a degradação ambiental. Pela definição e consolidação de desenvolvimento sustentável do Relatório de Brundtland, o crescimento econômico passa a ser enxergado sob uma nova perspectiva que para ser sustentável o desenvolvimento deve estar alicerçado na integração e equilíbrio entre três variáveis: crescimento econômico, distribuição de riqueza e preservação ambiental. Nessa perspectiva Sachs (2001) afirma que o crescimento econômico é condição necessária para o desenvolvimento sustentável, desde que tenha como objetivo minimizar os impactos ambientais e se dispor como serviços socialmente desejáveis.

Os três pilares da sustentabilidade, ambiental, econômico e social, se referem ao chamado *Triple Bottom Line* da sustentabilidade, são muito conhecidos e discutidos na academia. A dimensão ambiental está relacionada à consideração sobre a utilização dos recursos naturais e o impacto de ações humanas no ambiente, de forma a manter os ecossistemas vivos, e a diversificação; a dimensão econômica está relacionada à melhor alocação dos recursos, ao aumento da renda monetária e do padrão de vida dos indivíduos, e; dimensão social está relacionada às qualidades e habilidades pessoais, dedicação e experiência, ao estímulo à educação, cultura, lazer e justiça social. Assim o entendimento da sustentabilidade é decorrente da integração entre essas três dimensões (VELLANI; RIBEIRO, 2006).

A sustentabilidade requer o equilíbrio simultâneo das dimensões econômicas, ambientais e sociais na política, nas decisões e na administração geral de qualquer função organizacional (Cheng, et al, 2015). No entanto, ainda não está claro até que ponto o campo progrediu como uma disciplina científica, especialmente dada a sua ambiciosa agenda de integração da teoria, ciência e política aplicada, tornando-se relevantes para o desenvolvimento global e gerando uma nova síntese interdisciplinar entre os campos tão

diversos como a ecologia, as ciências sociais e engenharia, entre outros (Bettencourt, Kaur, 2011).

Neste cerne, Jacobi (2003) destaca o papel da educação no processo de sustentabilidade. Dessa forma, novos conhecimentos devem ser descobertos para compreender a relação do homem-natureza e contribuir para a formação de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade. No entanto, só o discurso não faz de uma sociedade sustentável. É preciso atuação prática, modificação da realidade social e ambiental de forma incisiva.

Concordando os ditos de Jacobi (2003), Acserald (2011), afirma que a ideia de sustentabilidade está relacionada à prática, em que os efeitos práticos daquilo que é do campo do conhecimento científico valida todas as discussões sobre a sustentabilidade. No sentido em que o conhecimento é construído para explicar o real. Portanto, não se tem sustentabilidade sem a prática da sustentabilidade. É nesse sentido, que a próxima seção deste artigo traz a relação entre aquilo que é discutido e o que é realizado de forma efetiva.

2.2 Relação Teoria e Prática no construto da Sustentabilidade

Sabe-se que muito se tem discutido sobre o desenvolvimento sustentável e a prática da sustentabilidade, sobretudo na forma de estudos científicos, inclusive, contemplados por artigos, dissertações e teses que tratam do tema nas suas mais variadas formas e considerações. Mas é fato que no Brasil, principalmente, este discurso ainda não é suficiente para que a prática da sustentabilidade seja efetiva.

Os discursos são entendidos como práticas geradoras de significados que se apoiam em regras históricas para estabelecer o que pode ser dito, num certo campo discursivo e num dado contexto histórico. Essa prática discursiva possível resulta de um complexo de relações com outras práticas discursivas e sociais. O discurso, portanto, relaciona-se simultaneamente, com suas regras de formação, com outros discursos e com as instituições sociais e o poder que elas expressam (LIMA, 2003).

O discurso da sustentabilidade está inserido num discurso maior de relacionamentos sociais, econômicos e educacionais da sociedade. Segundo Bettencourt, Kaur, (2011), o desenvolvimento sustentável é um campo científico crescente que demonstra uma relevância prática incomum, mas necessária e impactante quando consegue abster-se apenas do discurso. Este assume fundamental importância na construção da prática que se quer, sendo ele um molde e também um desenvolvedor desta prática. Mas o discurso, apesar de tão importante, é o começo ou o molde de algo que normalmente requer prática e materialização. Assim, ciência, tecnologia, conhecimento são todos aspectos de um desenvolvimento que visa ser prático. O discurso e a informação sobre desenvolvimento sustentável tem que ser muito claros e contribuintes a uma prática necessária para o tema.

A sociedade tem demonstrado ansiar pela partilha do saber da ciência e da tecnologia, cujas descobertas reflitam na melhoria da qualidade de vida, do ambiente e da saúde, para se alcançar a almejada sustentabilidade. Assim, além do caráter informativo, a divulgação científica apresenta uma função educativa, na formação de opinião pública qualificada, assumindo os contornos de uma prática fundamentalmente comunicativa de vulgarização e mediação (SULAIMAN, 2011).

A academia precisa então, promover discussões válidas, contributivas e claras para a maioria das pessoas, de modo que o que é teórico hoje possa estar beneficiando uma pessoa, de verdade, amanhã. E a correta disponibilidade de informações e pensamento são fundamentais nessa busca de concretude da teoria. Um dos principais desafios enfrentados pelos educadores é a de criar um ambiente em que o aluno se move para além da teoria da aprendizagem e torna-se um praticante instintivo (GALEA, 2004). A geração de estudos pelos

teóricos acadêmicos podem com propriedade explicar ou criticar a prática de negócios em torno da sustentabilidade. No entanto, é questionável em muitos casos o que na verdade se avança em termos práticos para o negócio sustentável. Se os alunos podem fazer conexões úteis entre teoria e prática também é necessário considerar (KEARINS; FRYER, 2011).

De acordo com Giannella (2009), existe um discurso da sustentabilidade voltado ao público docente, com alto grau de cientificismo e comportamentalismo, que se materializou, inclusive, na linguagem, com novos termos para velhos pensamentos como: “agroenergia”, para manter a monocultura, o agronegócio e a exportação de *commodities*; “florestas energéticas” e “apagão florestal”, para valorar o meio ambiente e veicular a noção de capital natural; “sustentabilidade verde”, para sustentar a produção energética pelo agronegócio. Mas esse discurso não é contributivo para a sociedade como um todo, que não possui os requisitos necessários para interpretar este cientificismo e transformá-lo em prática. É inegável o potencial e a contribuição da ciência, e isso deve fazer parte do processo educacional.

Em relação a participação de empresas no discurso da sustentabilidade, além de vários problemas entre os discursos, existem vários problemas para com a prática. Muitas empresas não desenvolvem, com a qualidade almejada, as atividades efetivas para que a sustentabilidade seja mantida, havendo uma preocupação mais com o caráter midiático que esta prática pode proporcionar. Além disso, diferentes visões de mundo também dificultam a consolidação das práticas sustentáveis, que precisam de constância e engajamento pessoal para que sejam mantidas.

A ciência da sustentabilidade requer, necessariamente, a colaboração entre as perspectivas desenvolvidas e em desenvolvimento da sociedade, entre disciplinas científicas de cunho teórico e aplicado e deve preencher a lacuna entre teoria, prática e política (BETTENCOURT; KAUR, 2011). Do ponto de vista daqueles que questionam o discurso da sustentabilidade, as críticas se concentram sobre a frágil factibilidade da proposta no contexto de uma sociedade capitalista orientada pelo mercado. Destacam as contradições e ambiguidades que se interpõem entre a retórica da sustentabilidade e a possibilidade de sua concretização. Nesta direção, são muitas as vulnerabilidades apontadas inclusive a banalização do significado do que verdadeiramente o termo signifique (MATTA; SCHMIDT, 2014). Isso é algo a ser investigado neste trabalho, no sentido em que ele se preocupa em identificar os motivos que ocasionam a distância entre a teoria e a prática no discurso da sustentabilidade.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo uma abordagem quantitativa com a utilização da estatística descritiva apresentada com base nas médias, desvio padrão e coeficiente de variação para análise. A amostra foi composta por 37 estudantes matriculados nos cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba. Esta amostra foi retirada de uma população composta por 56 estudantes que cursam a referida pós graduação, no conjunto dos anos de 2015 e 2016.

A escolha deste número de amostra foi realizada com base no critério de acessibilidade aos estudantes, e a escolha da pesquisa com estudantes deu-se partindo do pressuposto de que estes possuem conhecimentos científicos e gerais sobre o tema de pesquisa, também pelo fato de o curso de Administração ter, entre suas discussões e estudos, temas como a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável.

Os sujeitos da pesquisa receberam um questionário por e-mail, contendo afirmativas que fizessem referência aos aspectos (dimensões) sociais, econômicos e ambientais descritos pelo *Triple Bottom Line*. Para escolha de resposta, os respondentes numa escala de concordância do tipo *Likert* com cinco pontos marcavam entre discordo muito, discordo

pouco, nem concordo nem discordo, concordo pouco e concordo muito, além da possibilidade de respostas abertas em comentários adicionais. Para o tratamento e análise dos dados foi utilizada estatística descritiva básica, focando-se nos valores das médias e coeficientes de variação das variáveis e afirmativas criadas nas três dimensões pesquisadas.

É importante destacar que, para a análise das respostas da escala do tipo *likert*, evidencia-se que as afirmativas construídas no questionário estão colocadas de modo que quanto mais próxima a resposta estiver de cinco na escala, menor a visão positiva para com a sustentabilidade no item pesquisado. E quanto mais próxima a resposta estiver de 1, melhor será a visão da sustentabilidade pesquisada no item. O instrumento utilizado foi construído por elaboração própria com base nos debates dos estudos sobre o modelo *Triple Bottom Line* da sustentabilidade e sobre a própria sustentabilidade. Os referidos autores estão evidenciados no Quadro 1. Este modelo foi escolhido como base por ser muito utilizado na literatura e por trazer discussões pertinentes que contemplam o reconhecimento de problemas ambientais, econômicos e sociais, relacionados ao discurso da sustentabilidade.

Para compreender as dimensões e variáveis (afirmativas) criadas, tem-se o quadro 1:

Quadro 1: Variáveis e Dimensões da pesquisa

DIMENSÕES	VARIÁVEIS				
	Auto Crítica e reflexões pessoais	Preparo e Incentivo de empresas Públicas e Privadas	Sociedade Consciente ou Sociedade Atuante	Representatividade da Academia	Relacionamentos Interpessoais
Econômica	Tenho atuação consumista porque faço parte de uma sociedade assim	As organizações tem alto custo em desenvolver processos e indicadores de sustentabilidade (PULZL, ET AL, 2012)	É necessário maiores recursos financeiros para produtos sustentáveis (CHENG, et al 2015)	A academia mostra os resultados econômicos mais em termos de despesas da atuação sustentável do que de resultados positivos (KEARINS, FRYER, 2011)	A mobilização social para fins econômicos enquanto alternativa sustentável é incipiente
Social	Permito que as outras pessoas vejam que eu tenho agora o que não pude ter quando criança ou adolescente	O empenho em provar as ações sociais é maior do que propriamente desenvolvê-las	Numa sociedade que espera resultados rápidos, a mudança de práticas é algo difícil de ser realizado (BETTENCOURT, KAUR, 2011)	A academia usa muitos termos teóricos para explicar sobre recursos sociais	As discussões sobre sustentabilidade são feitas superficialmente entre as pessoas
Ambiental	A mudança para práticas sustentáveis são mais frequentes quando consequências negativas de problemas ambientais afetam a própria pessoa	Os órgãos públicos são ausentes em atividades ambientais como coleta seletiva	As consequências dos problemas ambientais são mais “sentidas” pelas pessoas com menor poder aquisitivo	A academia mostra de forma superficial as atividades ambientais que podem ser desenvolvidas pela sociedade (KEARINS, FRYER, 2011)	A realização de ações ambientais em grupo acontecem com menos frequência

Fonte: Elaboração Própria (2016)

Assim, a seção 4 apresenta os resultados encontrados de acordo com o objetivo da pesquisa proposto, seguindo as afirmações que foram colocadas no quadro 1.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 As Variáveis da Sustentabilidade

De forma a melhor dispor os resultados da pesquisa, são apresentados nos itens a seguir as opiniões dos pesquisados para cada variável em particular. E posteriormente são apresentados os resultados mais gerais de cada variável, de modo a propiciar um entendimento mais abrangente do objetivo de pesquisa.

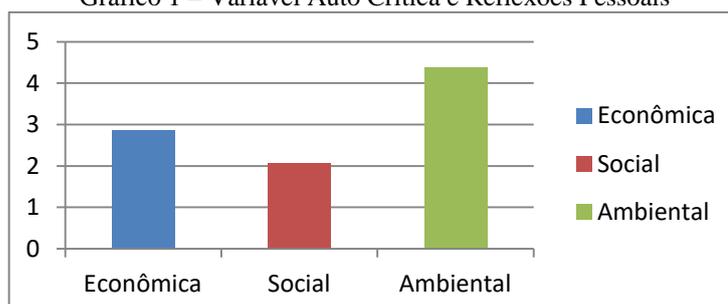
4.1.1 Auto Crítica e Reflexões Pessoais

A variável Auto Crítica discute sobre um posicionamento pessoal e uma situação de auto avaliação em relação a uma postura de preocupação e prática sustentável. Para esta variável foram usadas as seguintes afirmativas: Tenho atuação consumista porque faço parte de uma sociedade assim; Permito que as outras pessoas vejam que eu tenho agora o que não pude ter quando criança ou adolescente; A mudança para práticas sustentáveis são mais frequentes quando consequências negativas de problemas ambientais afetam a própria pessoa.

Esta variável busca entender até que ponto o pós-graduando acredita que sua prática sustentável está atrelada a uma preocupação de sua postura frente à sociedade. O consumo exacerbado, que é uma atividade não sustentável, normalmente está relacionado a uma sociedade que responde à chamadas propagandísticas. Ou também porque as pessoas muitas vezes querem apresentar uma situação social de poder aquisitivo maior. Ou ainda ocorre de que posturas e avaliações sobre a temática serem menos frequentes pelo fato de que, muitas vezes, os mais afetados pelos problemas ambientais não são as pessoas com maior parcela de contribuição com atividades mais sustentáveis. A mudança para práticas sustentáveis são mais frequentes quando consequências negativas de problemas ambientais afetam a própria pessoa.

Assim, referentes respectivamente à consideração econômica, social e ambiental do *Triple Bottom Line*, o gráfico 1 apresenta os resultados encontrados.

Gráfico 1 – Variável Auto Crítica e Reflexões Pessoais



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Diante do gráfico 1 pode-se enxergar que a média com menor valor foi a social, com **2,07**. Isto indica que a maior concordância foi de que as pessoas querem apresentar uma condição social que não tinham no passado. E que a apresentação desta condição faz com que o comportamento e prática sustentável sejam comprometidos. Na verdade, observa-se que hoje em dia, mesmo sabendo de possíveis problemas que um produto ou serviço possa proporcionar do ponto de vista sustentável, não é suficiente para que as pessoas não consumam. Isso se deve ao fato de que a imagem e representatividade pessoal diante da sociedade é muito importante. Isso faz com que o discurso pessoal possa até acontecer, mas

outras necessidades de cunho social sejam mais importantes e representativas para o indivíduo.

Já a maior média foi para a mudança para práticas sustentáveis são mais frequentes quando consequências negativas de problemas ambientais afetam a própria pessoa, pois obteve uma média de **4,36**. Essa discordância pode se dar porque, mesmo em países desenvolvidos, em que há uma maior possibilidade de atuação para práticas sustentáveis, não há uma maior atuação pelo fato de os problemas estarem sendo sentidos lá. Como exemplo tem-se os Estados Unidos (COELHO; GODOI; COELHO; PASCUAL, 2012). A própria gestão do país preferia, até os últimos anos, atuar mediante uma mitigação das consequências dos problemas do que mitigando as causas. Apenas nesta última conferência dos países desenvolvidos, os Estados Unidos tomaram alguma responsabilidade pelos problemas de sua industrialização, entre outros fatores.

4. 1.2 Incentivo de Empresas

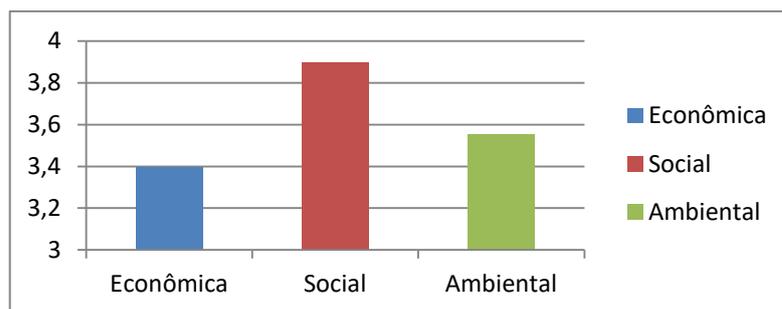
Esta variável está relacionada ao preparo e incentivo de empresas privadas ou públicas para as práticas de sustentabilidade. Ela teve como afirmativas de pesquisa: As empresas tem alto custo em desenvolver processos sustentáveis; O empenho em provar as ações sociais é maior do que propriamente desenvolvê-las; Os órgãos públicos são ausentes em atividades ambientais como coleta seletiva. As empresas têm muita responsabilidade tanto para dispor à sociedade os produtos e serviços gerados a partir de práticas sustentáveis quanto também tem o papel de ‘devolver’ ao planeta os recursos de que fazem uso para a produção de seus produtos e serviços. Sendo assim, uma questão importante que merece ser discutida é em relação ao alto custo que elas possuem para desenvolver processos sustentáveis. Já que muitas vezes os processos de Produção mais Limpa, por exemplo, ou de Design para o meio ambiente requerem uma mudança de atividades que geram custos dessa mudança. São gerados custos até mesmo para a sensibilização e preparo dos funcionários para atuar sob estas novas atividades.

Destaca-se também, que muitas empresas promovem atividades de cunho sustentável, mas seu empenho em provar a realização destas ações e mostrar seus resultados positivos é, muitas vezes, maior do que o empenho em desenvolvê-las ou aperfeiçoá-las. O que pode e certamente contribui para aumentar o distanciamento entre teoria e prática quando se fala da sustentabilidade.

Muitos órgãos públicos não têm em atividades essenciais à prática sustentável como coleta de lixo, ações como coleta seletiva, que são responsáveis por grande impacto positivo quando são realizadas. E essa “negligência” acaba sendo, muitas vezes, aceita pela sociedade pela falta de conhecimento ou de criticidade, ou ainda por aceitar as coisas como são. É interessante destacar que em relação a essa afirmativa de caráter ambiental, há uma ligação com a dimensão anterior. No sentido em que a mudança de comportamento é consequência do impacto sentido, então até esse impacto ser sentido pela sociedade, os comportamentos da própria sociedade tendem a ser também negligentes.

O gráfico 2 apresenta as opiniões dos pesquisados com os resultados desta variável.

Gráfico 2 – Variável Incentivo de Empresas



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Pelo gráfico pode-se perceber que a afirmativa referente aos aspectos sociais é a que maior média dentre as respostas dos entrevistados, com **3,89**. Os pós graduandos pesquisados acreditam que nem sempre o empenho das empresas privadas e até mesmo públicas em provar as ações sociais é maior do que propriamente desenvolvê-las. Eles pensaram também nas grandes corporações como Natura, a Coteminas, a Petrobras, e alguns agentes como o Instituto Ethos, que possuem práticas além de legitimadas, muito fidedignas aos fatos. Apesar do discurso midiático em detrimento da efetividade prática da maioria das empresas, sobretudo nacionais, algumas delas conseguem promover uma maioria consciente.

A menor média foi com a consideração de que as empresas tem alto curso em desenvolver processos sustentáveis. De fato, o valor de **3,39** mostra que os pesquisados acreditam que o custo em desenvolver energia solar, reaproveitamento de água e energia, a compra de matérias primas mais baratas, e a própria mudança de mentalidade dos funcionários é alto e pode comprometer a realização de atividades na empresa e a produção de produtos sustentáveis. O custo é alto, sobretudo para aquelas que estão iniciando neste tipo de trabalho. Um aluno de pós-graduação possui as informações suficientes para compreender que este custo tem que ser bem considerado no cálculo para o desenvolvimento de atividades sustentáveis. Quando este custo envolve um medo por parte da empresa e promove uma resistência para o desenvolvimento dessas ações, há o risco então de se ter em mente o discurso mas não a prática efetiva.

A média referente à afirmativa ambiental foi de **3,55**, que falou que os órgãos públicos são ausentes em atividades ambientais como coleta seletiva. Esta média ficou entre os duas primeiras, e na verdade, muitas pessoas nem pensam sobre a real responsabilidade e atuação de órgãos públicos. Mas os pós-graduandos, pela média alcançada, possivelmente já tem uma opinião formada e pensamento sobre isso.

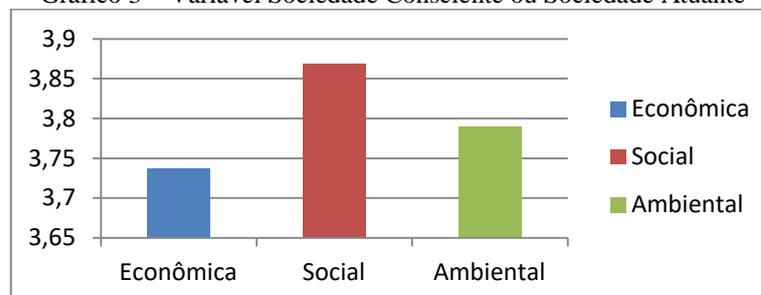
4.1.3 Sociedade Consciente ou Sociedade Atuante

Esta variável é referente à discussão sobre uma sociedade mais consciente ou mais atuante em relação à sustentabilidade. Busca identificar, por exemplo, se a conscientização é maior que o desenvolvimento prático de atitudes sustentáveis. As afirmações utilizadas para esta variável foram: São necessários maiores recursos financeiros para produtos sustentáveis; Numa sociedade que espera resultados rápidos, a mudança de práticas é algo difícil de ser realizado; As consequências dos problemas ambientais são mais “sentidas” pelas pessoas com menor poder aquisitivo. Muitas vezes as pessoas são conscientes, mas afirmam não desenvolverem práticas sustentáveis porque isso envolve maiores custos com recursos financeiros. Um produto sustentável muitas vezes é mais caro que o que não é. Destaca-se também que o atual contexto é caracterizado por alta competitividade e complexidade em que a sociedade espera por rápidos retornos, sobretudo no curto prazo, e isso contribui para dificultar a mudança do comportamento em relação às práticas de sustentabilidade que têm respostas mais de longo prazo.

Em países subdesenvolvidos, as consequências e malefícios da poluição do ar e do aquecimento global são mais “sentidas” do que em países desenvolvidos, que são os maiores responsáveis por estas atividades nocivas, como pode ser evidenciado nos escritos de Gianella (2009).

São estes os debates que esta variável se propõe a fazer, que possui seus resultados apresentados no gráfico 3.

Gráfico 3 – Variável Sociedade Consciente ou Sociedade Atuante



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Com base no gráfico 3, pode-se afirmar que as médias ficaram próximas. A menor delas foi para a afirmação econômica, que foi de **3,73**, de que são necessários maiores recursos financeiros para produtos sustentáveis. Com isso os pós-graduandos acreditam que tem que gastar mais se quiserem comprar produtos que foram fabricados considerando os requisitos de atuação sustentável. Na maioria das vezes, os produtos sustentáveis são mais caros do que os outros, sobretudo no ramo alimentício. A produção de frutas e verduras que não agride o meio ambiente, que não usa agrotóxicos, tem seus produtos mais caros que os outros. Assim, principalmente no Brasil, onde não há um investimento nessa área como em países desenvolvidos, o consumidor tem que pagar mais. Até porque, de acordo com resultados da variável anterior, há também maior custo para tal processo produtivo e isso implica no custo do produto final.

A afirmação direcionada à questão social apresenta maior média, de **3,86**. Esta afirmação indica que há uma dificuldade de mudar para a atividades sustentáveis, ou seja, a prática, quando os retornos com essas mudanças são lentos e a longo prazo, tendo em vista que a sociedade atual espera por retornos rápidos e constantes, sobretudo econômicos. Assim, para os estudantes pesquisados, a mudança de práticas não se dá efetivamente por um problema de retorno rápido. Isso pode ser evidenciado pelo fato de, na variável de Incentivo de Empresas, eles acharem que o problema se dá mais pelo alto custo do sistema de produção sustentável. Na verdade, esse alto custo implica também num possível retorno mais lento para as receitas com tais atividades. Mas isso não é a regra.

Em relação à afirmativa que mediu a consideração ambiental, que teve **3,78**, sobre se as consequências dos problemas ambientais são mais “sentidas” pelas pessoas com menor poder aquisitivo, pode-se perceber, de certa forma, um dilema. De forma mais significativa em um contexto de subdesenvolvimento, pelos resultados da pesquisa e de diversas leituras realizadas, a sociedade atuante é uma sociedade pouco consciente, ou que atua com fins mais midiáticos e propagandísticos do que a sociedade consciente, que embora tenha a consciência, atua de forma mais simplória em decorrência dos custos que ações de sustentabilidade podem acarretar.

4.1.4 Representatividade da Academia

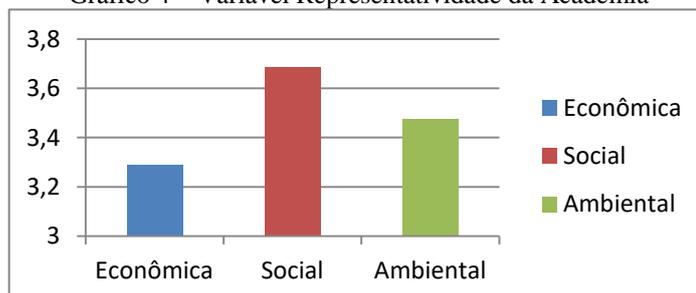
Os debates científicos e as teorias referentes ao tema, bem como as subjacentes, tem importância significativa para o desenvolvimento das práticas de sustentabilidade. As universidades são também responsáveis por diminuir a distância entre teoria e prática, principalmente por ter propriedade nos dois aspectos para tal meta. Nesse sentido, esta

variável teve como afirmativas de pesquisa: A academia mostra os resultados econômicos mais em termos de despesas da atuação sustentável do que de resultados positivos; A academia usa muitos termos teóricos para explicar sobre recursos sociais; A academia mostra de forma superficial as atividades ambientais que podem ser desenvolvidas pela sociedade.

A partir dessas afirmativas pode-se perceber que o que vem sendo demonstrado pela academia são os resultados econômicos mais em direção ao dispêndio de dinheiro para a atuação sustentável, do que os resultados e impactos positivos que essas práticas sustentáveis assumem na sociedade. Ou pelo menos é o que acontece na maioria das vezes. Não obstante seja importante tal discussão, ações e resultados práticos para as empresas são de fundamental importância.

Os trabalhos científicos e a própria academia utilizam muitos termos teóricos para explicar sobre recursos sociais e sua utilização e participação na sociedade. Dessa forma, contribui para aumentar a distância entre o discurso e a prática da temática da sustentabilidade. Debates também podem ocorrer sobre se a academia mostra de forma superficial as atividades ambientais que podem ser desenvolvidas pela sociedade. Existe uma profundidade para estas ações que valem ser discutidas. Por exemplo são notórias as discussões na academia sobre sustentabilidade e diversos trabalhos científicos realizados e publicados em veículos acadêmicos, no entanto, são poucos os que conseguem atingir a sociedade, de fato. Entende-se que são expressivos os esforços para inserir na academia discussões da temática, mas que são pouco exploradas no contexto mais prático. O que pode ser evidenciado a partir dos resultados desta variável apresentados no gráfico 4.

Gráfico 4 – Variável Representatividade da Academia



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

A afirmativa direcionada à variável social do *Triple Bottom Line* foi a que obteve maior média, de **3,68**, de acordo com a opinião dos respondentes da pesquisa. A academia utiliza muitos termos teóricos para explicar sobre recursos sociais, mais práticos, e isso é um fato. Mas reitera-se que a pesquisa foi realizada com estudantes de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Nesse sentido, estes estudantes tem propriedade para entender os termos da academia e conseguem até mesmo direcionar suas ideias e reflexões para em pensamento e atividades mais práticas. Mas isso é com os estudantes. A sociedade possivelmente não tem esta propriedade para tratar os achados e abordagens acadêmicas e teóricas para este assunto. O que é um grande problema.

A universidade é reflexo da sociedade e deve ter como principal objetivo a melhoria dessa dela. Para isso, deve buscar compreender demandas sociais e atende-las. No tocante à sustentabilidade, há uma necessidade de atuação mais diretiva das universidades para com a sociedade, de criação, por exemplo, de manuais de boas práticas de sustentabilidade, de apontamentos de como a sociedade pode melhorar sua qualidade de vida a partir de práticas sustentáveis, dentre outras.

A menor média, e, portanto maior concordância foi com a afirmação econômica de que a academia mostra os resultados econômicos mais em termos de despesas da atuação

sustentável do que de resultados positivos, com **3,28**. E este é um fator que comprova também a distância entre o discurso e a prática sustentável. Isto porque se as pesquisas científicas mostram que há um custo alto e não resolvem o problema de diminuí-lo. Assim as empresas e a própria atuação pessoal pode ficar comprometida, e ser inclusive não incentivada dados estes resultados científicos não estimuladores. As várias áreas do negócio precisam ser investigadas a partir de suas particularidades e os custos precisam ser mostrados do ponto de vista dos seus benefícios gerados. O estímulo para o desenvolvimento de atividades sustentáveis tem que partir da confiabilidade que os estudos científicos proporcionam. Eles são, conforme especificado, os maiores estimuladores das práticas sustentáveis. E como tal devem ser bem direcionados à natureza do público que querem atingir.

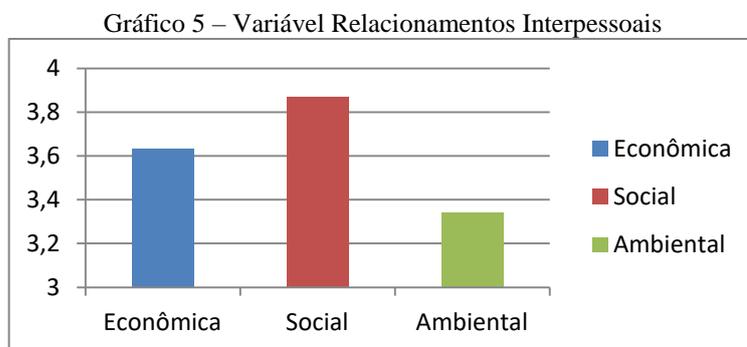
A afirmação sobre se academia mostra de forma superficial as atividades ambientais que podem ser desenvolvidas pela sociedade ficou com média **3,47**, que foi também próxima das médias já dispostas desta variável. Esta superficialidade de compreensão dos resultados acadêmicos ficou com percepção mediana pois apesar de os estudantes pesquisados terem conhecimento para interpretar tais dados, a grande maioria das pessoas não tem.

4.1.5 Relacionamentos Interpessoais

Esta variável evidencia de que maneira os relacionamentos interpessoais participam do problema da distância entre teoria e prática no discurso da sustentabilidade. As afirmativas utilizadas na pesquisa foram: A mobilização social para fins econômicos enquanto alternativa sustentável é incipiente; As discussões sobre sustentabilidade são feitas superficialmente entre as pessoas; A realização de ações ambientais em grupo acontecem com menos frequência.

É comum em comunidades menos abastadas a mobilização social como fonte de renda, mas isso é pontual. E algo que merece atenção, pois além de ser uma fonte de renda para a população é uma forma de contribuir para o melhor bem-estar social e ambiental. Muitas pessoas discutem em seus círculos de amizade ou de trabalho sobre o tema, mas estes são superficiais e insuficientes para a criação de práticas efetivas. Como também, sabe-se que a realização de ações ambientais, por exemplo, em grupo, podem colocar-se como importantes meios de concretude dessas ações, já que o grupo possui maior foco de união, uns ajudando aos outros a manter a disciplina para determinadas ações do que individualmente. Reforçando a necessidade de ações coletivas e colaborativas e atuação conjunta para o desenvolvimento e implementação de atividades sustentáveis.

Diante disso, os resultados da pesquisa para a variável Relacionamentos Interpessoais são expostos no gráfico 5.



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Como pode ser visualizado no gráfico 5, na variável ‘Relacionamentos Interpessoais’ a afirmativa direcionada ao aspecto social do *Triple Bottom Line* foi a que apresentou resultados maiores, com uma média de **3,86**. Novamente tem-se aqui as características da natureza da amostra considerada para esta pesquisa. Os resultados apontam que não há uma grande

concordância por parte dos pesquisados de que as discussões acerca da sustentabilidade são, pelo menos em sua maioria, realizadas de forma superficial entre as pessoas. Este é um resultado esperado para considerando o nível de conhecimento dos pesquisados. No entanto, é válido ressaltar que grande parte da população não tem conhecimentos abrangentes sobre o tema do desenvolvimento sustentável. E assim, os pesquisados provavelmente responderam considerando mais a sua postura pessoal. Deve-se dar a devida importância aos relacionamentos interativos e atuação conjunta para a efetividade do discurso da sustentabilidade.

A média referente à afirmação sobre a incipiência da mobilização social para fins econômicos enquanto alternativa sustentável foi de **3,63**. Na verdade, as médias desta variável foram similares, o que mostra de um lado uma possível dúvida por parte dos respondentes e de outro lado, a necessidade de lidar com os muitos problemas que circundam a esfera do discurso e da prática sustentável. Assim, os pesquisados consideram que de alguma maneira, a mobilização social ainda é pouca em relação às possibilidades de busca de alternativas de renda, e isso pode acontecer por vários motivos.

Os pesquisados acreditam com mais concordância que a realização de ações ambientais em grupo acontecem com menos frequência. O que foi provado pela média de **3,34**. Na verdade, as atividades de natureza sustentável podem ser melhor criadas e administradas considerando o grupo, ou seja, por ações conjuntas. A interatividade, a discussão e o engajamento podem ser os grandes pilares para que o discurso atinja os resultados práticos necessários. E assim pensam os estudantes de pós graduação pesquisados. E de fato, a abrangência das ações mesmo empresariais, precisam de uma motivação do grupo, em que o conhecimento e a tolerância são fundamentais.

4.2 Análise Geral das Variáveis

De acordo com os resultados das médias, desvio padrão e coeficiente de variação das variáveis descritos na Tabela 1, os dados foram analisados de forma conjunta com vistas a identificar os motivos que ocasionam a distância entre a teoria e prática no discurso da sustentabilidade.

Tabela 1: Análise geral das variáveis

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Coeficiente de Variação
Auto-Crítica	3,15	1,15	0,37
Incentivo de empresas	3,70	0,20	0,05
Sociedade consciente ou atuante	3,89	0,12	0,03
Representatividade da academia	3,52	0,27	0,08
Relacionamentos Interpessoais	3,70	0,31	0,08

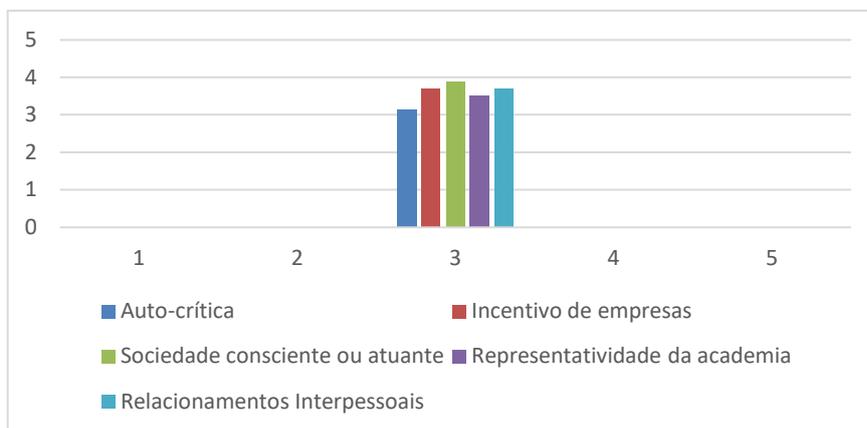
Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

A partir desses resultados, fica evidente que a variável Sociedade Consciente ou Sociedade Atuante é a que apresenta a melhor combinação de média e coeficiente de variação, ou seja, maior média (**3,89**) e menor coeficiente de variação (**0,03**), em detrimento da variável Auto Crítica e Reflexões pessoais, que apresenta a média menor (**3,15**) combinado ao maior coeficiente de variação (**0,37**), o que significa que a variabilidade das respostas podem ser explicados pelos valores de média. Esses resultados reforçam a importância das discussões levantadas neste artigo, da divergência entre teoria e prática no discurso da sustentabilidade, no sentido em que a sociedade reconhece a necessidade de falar em sustentabilidade, como aponta os trabalhos de Gianella (2009), Coelho, Coelho, Godoi (2013), mas não consegue implementar, operacionalizar seu discurso. O resultado da variável auto-crítica reflete na

passividade da sociedade enquanto promotora da sustentabilidade, de que se fala em sustentar, mas o esforço para a prática é minimizado quando se volta para interesse pessoais e individuais. Por esses resultados percebe-se que há a consciência, mas por questões culturais e econômicas, a sustentabilidade ainda reluta pela sua prática.

Os resultados das variáveis podem ser visualizados no gráfico 6:

Gráfico 6 - Uma visão Geral das Variáveis da Sustentabilidade a partir do *Triple Bottom Line*



Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

Para que o discurso sobre a sustentabilidade se torne uma prática constante, é necessário, primeiro de tudo, que haja um engajamento pessoal. Cada pessoa em particular precisa inteirar-se sobre o tema, conhecer, saber os riscos, consequências e benefícios, para só então ser possível promover um debate lógico e contributivo (COELHO; COELHO; GODOI, 2013). A partir deste debate é possível então estruturar as ações necessárias para cada localidade, para cada região, de modo a garantir a efetividade dos resultados. Mas é difícil partir de um engajamento pessoal sempre, então as universidades, empresas e agentes públicos tem que cumprir o seu papel de informantes e desenvolvedores deste pensamento também.

O gráfico 6 mostra que as médias calculadas com base nas variáveis, conforme dito, estão próximas em seus resultados. O eixo vertical deste gráfico apresenta os valores das médias e o eixo horizontal apresentam os valores da escala do tipo *Likert* com cinco pontos utilizada para a pesquisa. Destaca-se que a educação é um requisito muito importante para a auto crítica e reflexão necessária aos indivíduos de uma sociedade. No sentido em que é por meio dela que o conhecimento é criado e disseminado para a prática da sustentabilidade.

Diante dos resultados expostos até aqui, ressalta-se que a divergência entre teoria e prática no discurso da sustentabilidade é acentuada principalmente pela necessidade da sociedade de respostas rápidas e em curto prazo, o que resulta em poucos esforços para práticas sustentáveis que tendem a ter um retorno de prazo mais tardio. Existe a consciência dos problemas que envolvem a sustentabilidade, mas há pouca resposta em função de condições contextuais e/ou externas. E pela necessidade de relacionamentos interpessoais e incentivos de empresas para discutir e ampliar as possibilidades de utilização prática do discurso da sustentabilidade. Assim, é necessário que as pessoas mudem suas formas de enxergarem o mundo e a si mesmas para que o debate se torne prática. Ao ver que a validade de uma conduta social não está no volume de compras que se faz no final do ano, ou no quantitativo de ações ambientais que uma empresa pode fazer, as atitudes começam a ser modificadas. Como também, mesmo em já se tendo o discurso, é necessário considerar o papel dos relacionamentos interpessoais, e principalmente o engajamento para que a teoria se transforme em prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o objetivo de identificar os motivos que ocasionam a distância entre a teoria e a prática no discurso da sustentabilidade com alunos de pós-graduação. Interessante verificar que as médias foram aproximadas, mas que sobretudo a auto crítica e a reflexão pessoal foram vistas pelos pesquisados como mais problemáticas para a diminuição da referida distância. Os alunos de uma pós-graduação, sobretudo em administração, podem apresentar seus pensamentos em relação ao papel da gestão enquanto fomentadora de práticas sustentáveis, bem como possuem preparo para discutir e avaliar tal problema, uma vez que tem um ‘aparato’ de autores e informações e conhecimento sobre a sociedade e ciência que podem nortear o pensamento e esclarecer sobre os vieses entre teoria e prática.

O desenvolvimento sustentável, apesar de ser um tema discutido, requer aprimoramentos uma vez que na medida em que o tema vem sendo tratado e conhecido, e o debate vai se tornando mais robusto, ele vai sendo incorporado por diferentes esferas do pensamento que passam a lhe dar o entendimento que melhor expressa estes valores e percepções particulares. Esses entendimentos de significados particulares tendem a distanciar a teoria e prática, bem como a participação por vezes confusa da academia e os debates insipientes das pessoas não são suficientes para resolver tal problema. É necessário ver a sustentabilidade como algo cotidiano, que faz parte das decisões rotineiras pessoais nos mais variados aspectos, e desta maneira, tem que o debate fazer parte também rotineiramente da vida em sociedade.

Uma “sustentabilidade de mercado” não responde igualmente à crise social, já que a racionalidade inerente ao mercado se orienta para a concentração e não para a distribuição de riquezas e oportunidades. Sendo resultantes da própria ação e lógica do mercado, as desigualdades sociais não podem ser por ele solucionadas. A experiência tem demonstrado, por numerosas evidências, que o mercado é um eficiente instrumento de alocação de recursos, mas um perverso gestor das disparidades sociais. Em sendo assim, sempre quando a mão invisível do mercado é deixada livre da regulação do Estado e da sociedade, o desenvolvimento humano e social tende ao sacrifício (LIMA, 2003).

Assim, reitera-se que, existe a necessidade de uma mudança de compreensão das práticas sociais, já que a auto crítica e a reflexão pessoal são as molas propulsoras da mudança. Como também, é necessário evidenciar o papel de busca de retornos econômicos das empresas e atuar mediante esta questão de forma a não considerar uma discussão ‘romântica’ da sustentabilidade, o que a distancia ainda mais da prática.

Tem-se como propostas para estudos futuros, pesquisas com outros programas de pós-graduação de modo a relacionar os dados e identificar opiniões diferentes ou similares considerando a formação dos futuros profissionais.

REFERÊNCIAS

ACSERALD, H. Discursos Da Sustentabilidade Urbana. Revista **Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, 2011.

ACSELRAD, H; LEROY, J. P.; BERTUCCI, A. A.; PADUA, J. A.; PACHECO, T.; SCHLESINGER, S. Tudo ao mesmo tempo agora: desenvolvimento, sustentabilidade, democracia. 1. ed. Petrópolis: **Vozes**, v. 1, 2002, 198 p.

BETTENCOURT, L. M. A.; KAUR, J. **The Structure and Evolution of Sustainability Science**. Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America. Vol 108, n. 49, 2011.

CMMAD – COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CHENG, T.C.E.; FARAHANI, R Z; LAI, K-H; SARKIS, J. Sustainability in maritime supply chains: Challenges and opportunities for theory and practice. **Transportation Research**, Part E, vol 78, 2015 pp. 1–2.

COELHO, A. L. A. L.; COELHO, C.; GODOI. O Discurso Da Sustentabilidade E Sua Inserção No Contexto Organizacional. **Revista Gestão & Conexões**. Vitória (ES), v. 2, n. 1, jan./jun. 2013.

COELHO, A. L. A. L.; GODOI, C. K.; COELHO, C.; PASCUAL, A. S.. Análise do discurso da sustentabilidade em uma empresa do setor de energia elétrica. **Revista Gestão & Conexões**. Vitória (ES), v. 1, n. 1, jul./dez.2012.

GALEA, C (ed). **Teaching Business Sustainability: From Theory to Practice**. Greenleaf: Sheffield. Volume 1, 2004.

GIANNELLA, L. O Discurso Da Sustentabilidade: Contradições E Intencionalidades. **Revista Eletrônica Para Onde!?** V. 3, n. 1, 2009.

JACOBI, P. Educação Ambiental, Cidadania E Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205, março, 2003.

KEARINS, K; FRYER, M. **Relating Sustainability Theory to Practice at Auckland Airport: An Engaged Scholarship Endeavour Involving Students**. Corporate Social Responsibility and Environmental Management. Vol 18, 2011, pp. 151–161.

LIMA, G.C. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente & Sociedade**, Vol. VI n. 2 jul./dez. 2003.

MATTA, C. R.; SCHMIDT, E. B. O Paradigma da sustentabilidade: o que pensam pesquisadores em educação ambiental sobre as sociedade sustentáveis? **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 108-119, maio./ago. 2014.

PULZL, H; PROKOFIEVA, I; BERG, S; RAMETSTEINER, E; AGGESTAM, F; WOLFSLEHNER, B. **Indicator development in sustainability impact assessment: balancing theory and practice**. Eur J Forest Res, 131, 2012. pp 35–46.

SACHS, I. **Do Crescimento Econômico ao Ecodesenvolvimento**. In: VIEIRA, P. F. et al. (orgs). Desenvolvimento e Meio Ambiente no Brasil. A contribuição de Ignacy Sachs. Florianópolis: Pallotti/ APED,1998.

_____. **Repensando o Crescimento Econômico e o Progresso Social: o papel da política**. In: ABRAMOVAY, R. et al (Orgs.). Razões e ficções do desenvolvimento. São Paulo: Editora Unesp/Edusp, 2001.

SULAIMAN, S. M. Educação ambiental, Sustentabilidade e Ciência: o papel da mídia na difusão de conhecimentos científicos. **Ciência & Educação**, v. 17, n. 3, p. 645-662, 2011.

VELLANI, C. L.; RIBEIRO, M. S. A contabilidade e a sustentabilidade. In: **SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO, LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS**, 9. São Paulo, 2006. Anais. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas-SP, 2006. 1CD